

**Da metafísica à literatura:  
uma análise crítica do pensamento de Henri Bergson**

*De la métaphysique à la littérature :  
une analyse critique de la pensée de Henri Bergson*

Tarsis Daylan BRITO FILHO<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente trabalho procura revisitar importantes pontos da Filosofia do pensador francês Henri Bergson, procurando uma releitura destes de maneira crítica. A partir de Jacques Derrida, inscrever-se-á o pensamento bergsoniano nas linhas da História da Metafísica da Presença - iniciada em Platão - com a separação dos planos ideacional e material. Desta forma, as sagradas fronteiras entre a vida espiritual presente a si mesma (re-presentada em Bergson pela consciência como duração) o mundo espacializado (representado pelo símbolo) são postas em questão por meio do estranho movimento da “différance”. Este movimento, que nada mais é que a própria lógica derridiana do suplemento, instiga uma reflexão crítica sobre a incomensurabilidade entre o plano espiritual e simbólico em Bergson. O filosofar bergsoniano, neste sentido, seria a própria ilusão da possibilidade de fugir do texto por meio do próprio texto.

**Palavras-chave:** Símbolo. Duração. Metafísica. Filosofia. Suplemento.

## **Résumé**

Ce travail cherche à revisiter des aspects importants de la Philosophie du grand philosophe français Henri Bergson, en formulant une relecture des ces mêmes points. Inspirés par Jacques Derrida, nous allons inscrire la pensée bergsonienne dans les lignes de l’histoire de la Métaphysique de la Présence, initiée chez Platon avec la séparation du plan de idées et du plan matériel. Ainsi, les frontières sacrées établies entre la vie spirituelle (re-présentée par la conscience comme Duration) et le monde éspacialisé (représenté par le symbol) sont mises en question à travers l’étrange mouvement de la « différance ». Ce mouvement, qui n’est que la logique derridienne du supplément elle-même, nous emmene à une réflexion critique sur l’incommensurabilité entre le plan spirituel et le symbolique chez Bergson. L’acte de philosopher bergsonien, donc, ne serait qu’une illusion d’une possibilité d’échapper au text par le text lui-même.

**Mots clés :** Symbol. Duration. Métaphysique. Philosophie. Supplément.

---

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB).  
E-mail: tarsis.filho@hotmail.com

## Introdução

A Filosofia procura, desde Platão, um limiar, um limite. Esta fronteira, ainda que nunca “tocada” ou “vista”, é assumida inquestionavelmente nas mais variadas formas já produzidas de Metafísica, sendo a responsável por delimitar uma origem (talvez a origem). Esta fissura primordial constitui o princípio da dissociação do espírito e da matéria, da ideia e do fato, do corpo e do *res cogitus*: a própria possibilidade do ser, a essência da ontologia. O ser e a ideia, nesta lógica, nada mais são que aquilo que foge a qualquer forma de representação, de símbolo, de materialidade. A vida não seria nada mais que um transcendental inatingível por qualquer forma de conceituação, a própria “expressão” que anima o “índice”, em termos husserlianos. Vida, portanto, entendida como sinônimo de uma pureza em si mesma, a autonomia de uma presença que é, antes de tudo, presente a si própria (como não há sentido representar o que já está presente, o símbolo seria desnecessário frente a plenitude desta presença). É a partir desta diferenciação essencial(ista) entre o símbolo e a vida, que a Filosofia se desenvolveu como uma História que, seguindo Jacques Derrida, nada mais é que a História da Metafísica da Presença.

Partícipe importante desta história, talvez mais do que desejasse ter sido, podemos encontrar o filósofo francês Henri Bergson. Suas obras, sobretudo na primeira metade do século XX, tiveram um impacto profundo na filosofia praticada na França e no resto do mundo. Sua importância é inquestionável, sobretudo no que tange ao questionamento de toda a metafísica “simbólica” (especializada) anteriormente produzida. Entretanto, parece exagero admitir que Bergson teria ultrapassado a fronteira deste limite que incomoda e guia a Filosofia há séculos. Parece-nos mais provável que o filósofo francês circunda o dilema, questiona-o sem em nenhum momento desprender-se dele. A vida e o símbolo, o contínuo e o espacial, a espiritualidade e a matéria são ainda entidades incomensuráveis, que não se coincidem jamais na filosofia bergsoniana. A autonomia do espírito, que é estranho a qualquer espacialidade material, ainda é resguardada como ponto de partida, como assunção primeira, a própria origem da possibilidade do ser. Bergson, portanto, não escreve mais que um capítulo da História da Metafísica da Presença.

Partindo desta constatação ainda superficial da produção filosófica bergsoniana, entendemos como necessário adentrar de maneira mais profunda em uma seção de uma de suas obras mais conhecidas: *Introdução à Metafísica*. Esta seção nos parece importante, porque trata de maneira específica dos dois mundos de que falávamos há pouco: o mundo da presença e o mundo da representação; da vida como duração e do símbolo como complexidade “morta”. Desta maneira, para facilitar a compreensão do artigo, o dividiremos em quatro partes. A primeira procurará expor a seção *Duração e Consciência* de forma a pôr em evidência os argumentos do autor, suas estratégias argumentativas e seus objetivos. Aqui, deve-se ficar claro que nos esforçaremos ao máximo para “deixar o autor falar”, sem impor amarras críticas desnecessárias aos seus “rastros”. Entretanto, procuraremos, ao mesmo tempo, não cair nas armadilhas de uma história transcendental, tal qual nos alertou Foucault<sup>2</sup>. A segunda parte do artigo planeja continuar a crítica iniciada, brevemente, nesta introdução. Logo, a partir de alguns elementos-chaves da filosofia derridiana e, de maneira mais contida, da filosofia wittgensteiniana, tentaremos inscrever a metafísica de Bergson nas linhas da História da Metafísica da Presença. Não haveria de forma alguma, em nossa interpretação, uma ruptura, mas uma continuidade. A terceira parte deste artigo trabalhará com os conceitos de “différance” e de “suplemento”, também encontrados no pensamento de Derrida, na tentativa de criticar a refundação do ato de filosofar proposto em Bergson. Limitar-se-á a originalidade desta nova maneira de produzir Filosofia, compreendendo-a como apenas uma nova roupagem para fazer algo que já era feito. A quarta e última parte do trabalho concluirá, de forma econômica, os pontos apresentados no decorrer do texto. Desta forma, apontaremos para um possível temor compartilhado pelos metafísicos em geral: o de que a filosofia se torne uma simples forma de se fazer literatura.

## **Duração e espacialidade do Símbolo**

A seção “Duração e Consciência” da *Introdução à Metafísica* de Bergson apresenta uma realidade a qual só poderia ser apreendida através da *intuição*: o próprio eu interior, a consciência. Esta esfera, normalmente entendida como a própria interioridade, apareceria em uma total contraposição com qualquer forma de

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *L'archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1969, p. 23.

espacialidade, não sendo, portanto, alcançável de outro modo que por uma “simpatia conosco mesmos”. Desta primeira premissa bergsoniana, fundam-se os dois eixos da seção aqui exposta. Primeiramente, Bergson expõe aquilo que entende como consciência, esta apresentada de tal forma que pouco se distancia do conceito, propositalmente fluido, de duração. No segundo eixo, a representação simbólica da intuição original é abordada, através da discussão da (in)suficiência de conceitos e imagens como substitutos do puro movimento da duração. Apesar do esforço para apresentá-los separadamente, estes dois caminhos percorridos pelo autor podem ser traduzidos em um único tema: a existência da consciência como puro movimento (duração), alcançável apenas pela intuição, e a incomensurabilidade desta com qualquer forma de representação simbólica (extensa).

Esta contraposição apresentada por Bergson nos levaria, certamente, a uma aporia. Afinal, como a intuição, que é inquestionavelmente dada na vivência espiritual do “eu”, neste fluxo que não se dá em nenhum símbolo senão na própria ausência de traços, pode ser exteriorizada? E deste paradoxo, poderia ser levantado um ceticismo quanto a existência desta nova forma de conhecimento apresentada no texto. Se em seu mostrar-se já há deformação, se em seu vir-a-ser símbolo já há excessiva complexificação de uma simplicidade originária, como poderíamos saber se há, efetivamente, um conhecimento intuitivo?<sup>3</sup> O objetivo de Bergson, para defini-lo dentro de sua própria lógica, é de nos guiar, através de algumas metáforas, exemplos e conceitos (menos estáticos que os comumente utilizados na história da metafísica, em seu entender), até uma intuição simples, de veras primordial. Arriscamo-nos a dizer que o autor planeja construir um dos caminhos possíveis (já que haveria sempre incontáveis formas de representar a mesma “coisa”) para a “intuição da própria intuição”. Este seria o primeiro passo para a tomada de consciência da Metafísica, o qual permitiria ir além de todas as contradições e de todos os falsos problemas com os quais a história da filosofia se defronta<sup>4</sup>. E, por fim, há um objetivo, ainda não completamente trabalhado na seção, de indicar alternativas válidas para a acomodação da aporia indicada no começo do parágrafo. Ou seja, viabilizar uma forma pela qual o filósofo nos leve à sua

---

<sup>3</sup> BERGSON, H. **Introdução à Metafísica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 24.

<sup>4</sup> BERGSON, H. **A Intuição Filosófica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 73.

intuição ainda que através dos conceitos, sombras que nunca apreendem a fluidez da duração.

Como estratégia argumentativa para atingir os objetivos levantados anteriormente, Bergson segmenta a seção em dois momentos principais, estes já apresentados no primeiro parágrafo. No primeiro momento, há uma tentativa clara de construir um caminho que nos leve à já supracitada: “intuição da intuição”. Aqui, o autor nos apresenta uma realidade que não nos é alcançável senão por meio de uma simpatia: “a nossa própria pessoa em seu fluir através do tempo”<sup>5</sup>. De maneira mais clara, esta seria a esfera de nossa própria consciência. Neste empreendimento, procura-se apontar os limites da análise, em sua orientação de dentro para fora, como um método eficiente para apreender a “multiplicidade una” que caracterizaria a continuidade inextensa (duração) do ser. Não há, na consciência, divisões, heterogeneidade, mas um escoamento contínuo que não pode ser remontado (totalizado) através de percepções justapostas.

Ainda que Bergson saiba que não conseguirá representar com perfeição aquilo que denomina “consciência”, expõe-nos uma série de comparações metafóricas, sempre desconstruídas em seguida, para que nos aproximemos de sua intuição. Inicialmente, a consciência é comparada ao desenrolar e enrolar-se contínuos de um novelo. Desta forma, o autor pareceria ter conseguido explicar a manutenção da unidade do ser, ainda que a cada instante um novo presente seja incorporado. A consciência significaria, portanto, memória. Não haveria, logo, nem um começo e nem um fim, exatamente porque não há espacialidade em sua constituição. Entretanto, é neste ponto mesmo que a própria metáfora se desgarrar da “duração” que intenta substituir. A própria noção de enrolamento e desenrolamento nos remeteriam, segundo Bergson, a traços e linhas – símbolos - e, conseqüentemente, à ideia de justaposição de estruturas heterogêneas. Entretanto, em oposição aos moldes da espacialidade, “não há dois momentos idênticos num ser consciente” (BERGSON, 1974, p.22). Isto porque a existência de dois momentos idênticos na consciência seria a própria impossibilidade da memória, um perecer e renascer infundáveis.

---

<sup>5</sup> BERGSON, H. **Introdução à Metafísica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 21.

Posteriormente, é evocada a imagem de um “espectro com mil nuances, com degradações insensíveis que fazem com que passemos de um tom a outro”. Aqui, uma corrente de sentimento o atravessaria, sofrendo assim mudanças graduais que implicariam as que já foram experimentadas anteriormente. Ainda que pareça mais fiel do que a imagem do novelo, as nuances do espectro ainda apareceriam como essencialmente espacializadas, ou seja, estranhas umas as outras. Haveria, novamente, uma justaposição. E, por consequência, a duração pura, onde não há contato com qualquer extensão, já estaria sumariamente excluída da representação.

Ainda nos cabe explicitar a última comparação metafórica utilizada por Bergson: o esticar de um elástico infinitamente pequeno, contraído em um ponto matemático. O interessante neste exemplo, o qual guardaria maior proximidade com a “duração”, é que ele proporciona uma aproximação mais aparente entre os limites do indivisível e o divisível. A ação de mover o elástico é entendida como indivisível, o puro movimento, enquanto a linha imóvel inscrita e deixada por ele no percurso é divisível (permeada por infinitos pontos). Logo, seria necessário ater-se somente ao movimento em si mesmo para que nos aproximemos da duração. Este seria o movimento do ser, a própria consciência em-si. Aqui, chegar-se-ia ao que procuramos conceituar de “intuição da intuição” ou intuição primeira. Arriscamo-nos a dizer que Bergson se aproxima, neste ponto, de uma “imagem mediadora” da qual trata na *Intuição Filosófica*, a qual se posicionaria no exato limite entre a matéria e o espírito, a indicação quase exata da atitude a tomar e do ponto a olhar<sup>6</sup>.

Após o fim deste primeiro movimento é importante ressaltar dois pontos. O primeiro é que, ao expor que a intuição é a única forma de acessar a nossa duração, Bergson responde à uma das problematizações levantadas: há, efetivamente, um conhecimento intuitivo, e a prova disso se encontra no próprio conhecimento da vida interior. O segundo ponto a ser ressaltado aqui é que o autor já teria deixado transparecer, ainda antes de iniciar o movimento seguinte de sua argumentação, que há uma incomensurabilidade entre o símbolo e o puro movimento da intuição. Esta suposição inicial já parece iniciar-se durante a própria exposição sobre a consciência. Desta forma, entendemos que, durante o próprio movimento de vinculação seguida de desvinculação das imagens que buscavam a representação exata do ser consciente,

---

<sup>6</sup> BERGSON, H. A *Intuição Filosófica*. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 67.

Bergson já estaria nos inserindo no assunto que será efetivamente tratado, aqui, no que se denomina segundo eixo argumentativo. Mais claramente, a incomensurabilidade entre a duração e o símbolo. A passagem entre eles nos parece efetivamente realizada após esta frase, a qual reúne pontos dos dois focos centrais da seção: “A vida interior é tudo isto de uma vez, variedade de qualidades, continuidade de progresso, unidade de direção. Não poderíamos representá-la por imagens”<sup>7</sup>. Neste trecho, nos é apresentada a fluidez da consciência (tema central do primeiro movimento) ao mesmo tempo em que se inicia, de maneira mais explícita, uma exposição sobre a impossibilidade da representação da intuição original\duração por meio de símbolos, sejam estes imagens (como já realizado no primeiro eixo) ou conceitos (tema central do segundo movimento).

No entanto, se nem os conceitos conseguiriam reproduzir o sentimento original do escoamento de si mesmo, como o filósofo conseguiria apresentar, em forma de texto, sua intuição original? Afinal, seria possível a existência de uma metafísica tal qual Bergson formulou, uma ciência que pretende dispensar os símbolos, se ela só existe através de conceitos? As resposta dada nesta seção a essas duas questões são simples: o filósofo nunca conseguirá exprimir a simplicidade de sua intuição original, e, ainda assim, a metafísica é possível. O aparente paradoxo se resolve a partir da possibilidade, dada por Bergson, dos símbolos - sejam imagéticos ou conceituais - guiarem o leitor à intuição original do filósofo, ainda que sem efetivamente representá-la. Esta constatação, todavia, será trabalhada mais a frente. Pretendemos, por instante, continuar com a indicação de que a intuição e o seu “representante” simbólico não coincidem, não são a mesma “coisa”.

Ainda de acordo com Bergson, o desentendimento quanto à não coincidência entre estas duas esferas nos levariam em direção a um perigo real: a ilusão de que o esforço em direção à descrição excessiva do objeto, as excessivas voltas em torno dele, são os meios ideais para alcançar sua essência. Este desvio teria contaminado não só a Ciência, mas a própria Metafísica, tal qual teria sido formulada historicamente. O objeto como essência não é atingível por meio das palavras ou imagens, estas nunca serão mais que sombras. A coisa em-si só é atingível por intuição, na própria duração do ser

---

<sup>7</sup> BERGSON, H. **Introdução à Metafísica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 23.

consciente, e, por consequência, não exprimível simbolicamente. Logo, quanto maior o esforço de análise, maior o acúmulo de descrições para o entendimento de um objeto, mais estaríamos restritos a aproximações deformadas, e, assim, mais longe estaríamos de um entendimento metafísico da essência do objeto. Portanto, seria preciso um esforço para que a complicação da letra não fizesse perder de vista a simplicidade do espírito<sup>8</sup>.

Quando restrita a esse jogo de descrições e ideias, a Metafísica se restringe a uma multiplicidade de sistemas diferentes, a depender apenas do número de pontos de vista existentes. Isto ocorreria porque não teria ocorrido a tão necessária “fuga do símbolo”. Portanto, não haveria, propriamente, um “além-texto”, mas somente a extensão infinita dos traços, a pura complexidade. Todavia, seria preciso que a Filosofia transcendesse a esfera extensa dos conceitos para se efetivar como uma séria ocupação do espírito<sup>9</sup>. Neste ponto retornamos a resposta dada por Bergson: os símbolos, ainda que não substituam-na, podem guiar o leitor à intuição simples do filósofo. Para a efetivação deste “além-texto” por meio do texto, é preciso se libertar dos conceitos considerados rígidos e pré-fabricados. O apontar ideal do caminho só acontece, para Bergson, através de conceitos flexíveis, representações móveis, sempre a disposição de remodelações (bergson, 1974, p.75). Esta seria uma maneira de manter a intuição como um elemento sempre à parte da espacialidade, sempre fora do próprio texto pelo qual é “re-presentada”. Afinal, a duração, revelada através da intuição, não poderia jamais encerrar-se em uma única representação conceitual.

## **Consciência e a ameaça do signo**

Após uma breve análise dessa importante sessão, resta-nos agora introduzir o raciocínio bergsoniano nos pareceres levantados na Introdução. Percebe-se, logo, que a resposta dada por Bergson ao paradoxo da oposição entre a pureza ideacional e a matéria, reaproveitado de outros filósofos, depende, de forma perigosa, de uma faculdade enigmática: a intuição. Esta é apresentada como uma faculdade que escapa a qualquer forma de conceituação, que se constitui exatamente na diferença com o signo mesmo, na impossibilidade de “falá-la”. O intuir seria a forma de conhecimento ideal, o

---

<sup>8</sup> BERGSON, H. **A Intuição Filosófica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 61.

<sup>9</sup> BERGSON, H. **Introdução à Metafísica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 24.

oposto exato da complexidade espacial da palavra. Mais do que tudo isso, o intuir como forma de conhecimento é a própria possibilidade de adentrar a pureza espiritual da consciência, de compreender-se como uma presença que permanece além do texto, fora de qualquer contato com a materialidade, no domínio “calado” da idealidade. Estas considerações trazem inúmeros questionamentos. Seria a consciência, como uma inteligibilidade irrepresentável, experimentada apenas no puro movimento interior do ser, não seria dependente do próprio signo para existir? Em termos wittgensteinianos, a simplicidade do entendimento intuitivo já não estaria “inscrita” em algum jogo de linguagem específico? Na “origem” mesma do que Bergson denomina consciência já não haveria uma contaminação do símbolo, uma representação estranha que se dá na própria presença a si?

Para explicarmos melhor estas reflexões em forma de questões, ensejadas há pouco, necessitamos percorrer um caminho argumentativo, que não é, inicialmente, nada diferente do caminho percorrido por Bergson: Primeiramente, fica claro que a intuição ocorre, de maneira “efetiva”, em um domínio completamente diferente daquele ocupado pela justaposição complexa da materialidade. Ou seja, seu campo de efetivação é o domínio espiritual do ser, desenhado a partir da incomensurabilidade com tudo que é externo. O segundo ponto a ser percorrido aqui, ainda nas fronteiras bergsonianas, é: para intuímos é necessário que haja meios “materiais” que nos guiem até este campo de idealidade. Ou seja, é sempre necessário percorrer um texto, ouvir uma palavra ou acessar imagens para que a intuição, como forma real de conhecimento, ocorra. Estando clara a segunda afirmação, torna-se necessário analisar mais cuidadosamente a “intuição de si mesmo”, ou a “intuição da própria consciência”, apresentada em sua obra. A partir do momento em que compreendemos que a atividade intuitiva é dependente da materialidade para existir, ainda que ocorra em um “plano de interioridade absoluta”, temos diante de nós o resultado lógico de que a própria “intuição da consciência” supõe um signo anterior, um símbolo que indique o caminho a seguir. A consciência, em Bergson, isolada do mundo em seu plano de plenitude espiritual, clama paradoxalmente por um signo, um elemento material, para existir. A sua condição de possibilidade é o próprio símbolo em que é representada, elemento espacializado e externo a ela própria.

Este paradoxo nos encaminha seguramente à Filosofia de Jacques Derrida, filósofo franco-argelino que questiona, em várias de suas obras, a divisão essencialista

realizada entre o signo e o ser, a presença e a representação. A presença ontológica do ser, tratada como uma transcendência que se emanciparia frente a qualquer texto, seria estranhamente refém do mesmo texto para existir. Só através do texto, da não-presença, do signo, do externo, podemos pensar o ser, a presença, a interioridade, a *consciência de si*. Essa conexão, longe de ser um acidente de percurso, se inscreve na origem mesma da “presença a si”. A presença só se “a-presenta” através de uma “não-presença”, sua condição de possibilidade é sua própria condição de impossibilidade. Desta maneira, pode-se concluir que no espaço de pureza da interioridade do ser (consciência) já há exterioridade. O ser só pode ser visto através de algo que seria exterior por natureza a ele mesmo. Não haveria, desta forma, a possibilidade de pensar a consciência de si como anterior a linguagem, nem mesmo de compreendê-las como essencialmente diferentes:

La Conscience de soi n'apparaissant que dans son rapport à un objet dont elle peut garder et répéter la présence, elle n'est jamais parfaitement étrangère ou antérieure à la possibilité du langage (...) Or leur indiscernabilité n'introduira-t-elle pas la non présence et la différence (la médiatez, le signe, le renvoi, etc.) au cœur de la présence à soi?<sup>10</sup> (DERRIDA, 2016, p.15)

A partir deste trecho de Derrida, podemos, enfim, concluir que a compreensão da consciência (da verdade, do ideal) em toda sua “simplicidade” não ocorre que pela espacialidade exterior do signo. A “consciência da consciência” não nasce de uma “auto afeição pura”, interior e isolada do mundo, mas do próprio “*ouvir-se falar*”<sup>11</sup>. Apenas pela materialidade do som, pela experiência do “*touchant-touché*”, por aquilo de corpóreo, externo a ontologia mesma do ser, ele “se percebe”. Seu espírito depende, antes de tudo, daquilo que é externo a ele para existir. A duração bergsoniana, neste sentido, apesar de sua vontade de permanecer além do símbolo, fora da representação complexa dos conceitos, parece não resistir a estes para se tornar presente. Remontando o próprio argumento fornecido por Bergson, percebemos que para se chegar a intuição

---

<sup>10</sup>“A consciência de si não aparece que por meio de sua relação com um objeto através do qual ela pode guardar e repetir a presença, ela não é nunca perfeitamente estrangeira ou anterior à possibilidade de linguagem (...) Essa impossibilidade de dissociação não introduziria a não presença e a diferença (a mediatez, o signo, o retorno, etc.) no coração da presença a si? (Tradução nossa).

<sup>11</sup> DERRIDA, J.. **La voix et le phénomène** : Introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl. 5. ed. Paris : Presses Universitaires de France, 2016, p. 93.

são sempre necessários conceitos, imagens, etc. que nos guiem ao “caminho correto”. Por que com a intuição da consciência seria diferente?

É exatamente neste ponto que podemos inserir a metafísica bergsoniana nos limites “transcendentais” da História da Metafísica da Presença. Ainda há, em sua filosofia, a crença em um campo interior puro que se diferencia exatamente pela sua imaterialidade, sua capacidade de se manter além das fronteiras do símbolo. A não percepção do paradoxo que envolve a assunção destes dois campos como domínios essencialmente diferentes, torna-o mais um discípulo de Platão, mais um seguidor cego da oposição clássica de Descartes entre corpo e cogito. O paradoxo da “oposição e indissociabilidade” entre estes dois domínios é mais uma vez ignorado em função de uma ontologia pura do ser em si. A autonomia do homem frente ao texto é assegurada em Bergson, que a tranca a sete chaves nos limites da consciência como duração, como interioridade pura.

## **Filosofar em Bergson e a busca pelo Suplemento Originário**

Compreender Bergson a partir de Derrida nos permite inscrever a consciência como duração no próprio símbolo. É apenas pelo “ouvir-se falar” que a presença à si pode ser alcançada, pelo próprio elemento que à ela é externo. Admitindo, logo, essa dependência entre os mundos, como e por que poderíamos falar de uma diferença pura (de essência) entre eles? Qual seria o elemento que possibilita pensar o “fora” e o “dentro”, o sujeito transcendental e o símbolo? Qual seria a “prova final” que Bergson poderia utilizar para insistir na existência de uma duração que se mantém a parte até mesmo do tempo espacializado? Essa diferença pura que possibilita toda a sua filosofia, entretanto, não existe da maneira que crê Bergson. Ela é, em realidade, resultado de um movimento específico, o estranho movimento da “*différance*”. É este movimento que nos permite pensar em um sujeito transcendental e na exterioridade (diferença) que lhe circunda.

Ce mouvement de la différence ne survient pas à un sujet transcendantal. Il le produit. L’autoaffection n’est pas une modalité d’expérience caractérisant un étant qui serait déjà lui-même (autos). Elle produit le même comme rapport à soi dans la différence d’avec

soi, le même comme non-identique. (DERRIDA, 2016, pag. 97)<sup>12</sup>.

O conceito de “*différance*”, emprestado aqui de Derrida, é o movimento mesmo do traço, o jogo do mostra-esconde que em nada se difere do que o autor denomina de suplementaridade. Ou seja, a noção de que o sujeito nunca está simplesmente presente a ele mesmo, estando de início preso no movimento do traço (rastros). Há sempre a necessidade de representar-se através de um suplemento, de natureza “externa” a si para se tornar “presente”. No seio mesmo do ser, não há nada mais que um suplemento, uma representação simbólica que o faz aparecer e reaparecer. Não é possível pensá-lo sem o signo, elemento que o indica, que o possibilita. A consciência bergsoniana, nesta lógica, seria apenas mais um resultado deste jogo, um fruto do suplemento que a origina e do qual ela é dependente.

Notons d’abord que ce concept de supplémentarité originare n’implique pas seulement la non-plénitude de la présence (ou en langage husserlien le nom remplissement d’une intuition), il désigne cette fonction de suppléance substitutive en général, la structure du « à la place de » qui appartient à tout signe en général. (DERRIDA, 2016, p. 103)<sup>13</sup>

Após a crítica realizada à separação pura entre consciência como duração e signo, resta-nos compreender, ainda dentro deste mesmo esquema conceitual, o ato de filosofar em Bergson. Remontando a seção analisada da obra *Introdução à Metafísica*, podemos concluir que o filósofo não tentava apenas realizar uma reformulação do entendimento da consciência, mas uma refundação completa da Filosofia, da Metafísica em si. Esta nova atitude do filósofo perante a obra envolveria, necessariamente, o entendimento de dois conceitos-chaves, mais precisamente: a intuição original do autor e o “apontamento”.

---

<sup>12</sup> “Este movimento da ‘*différance*’ não é posterior a um sujeito transcendental. Ele o produz. A autoafeição não é uma modalidade da experiência que caracteriza um ‘ser’ que já seria ele mesmo (autos). Ela produz o mesmo como relação consigo mesmo na diferença à si, o mesmo como não idêntico.” (Tradução nossa).

<sup>13</sup> “Notemos, primeiramente, que este conceito de suplementaridade não implica somente a não plenitude da presença (ou, em linguagem husserliana, o nome que preenche uma intuição), ele designa esta função de suplência substitutiva em geral, a estrutura do ‘ao invés de’ pertencente a todo signo em geral” (Tradução nossa).

A intuição original do autor aparece aqui como a ideia ela mesma em sua simplicidade original. Elemento presente à consciência, esta só é efetivamente experimentada nos limites da duração, da presença a si. Desta maneira, a ideia não é jamais transmitida através do símbolo, porque sua experiência ocorreria, como bem sabemos, em um outro plano, o espiritual. A partir desta assunção, Bergson nos apresenta a hipótese de que o filósofo estaria condenado a nunca transmitir por inteiro aquilo que ele “queria dizer”. Ainda que escreva centenas de obras, sua intuição original nunca estará completamente representada em seus escritos. O símbolo é sempre demasiado complexo se comparado à simplicidade da intuição original vivenciada pelo filósofo. E, sem aperceber-se desta problemática, a história da Filosofia, como vimos, não teria sido nada além de uma luta de conceitos, signos, ou seja, de mal entendidos.

A solução proposta por Bergson, como já apontada aqui anteriormente, seria o segundo conceito-chave, o ato de “apontamento”. Como a intuição original não pode ser transmitida (re-presentada) no plano espacial (do símbolo), é necessário que o filósofo encontre alguma forma de guiar o leitor à simplicidade de sua ideia. Desta maneira, restaria ao filósofo “apontar”, por meio de conceitos flexíveis, para o essencial de seu pensamento, permitindo com que o leitor experiencie a simplicidade da ideia em sua consciência. Aqui, reinsermos a questão da complementaridade no pensamento bergsoniano. A mudança proposta quanto a maneira de filosofar nada mais é que uma tentativa estranha de remontar o plano ideal através de um suplemento (símbolo), que nunca a representa completamente. Aqui, talvez sem perceber, Bergson estremece as fronteiras que diferem de maneira essencialista o espírito e a matéria. Duração e signo aparecem aqui mais uma vez intrinsecamente dependentes.

O símbolo procurado por Bergson, aquele que nos levaria à própria possibilidade de exercer a Filosofia, estaria operando no movimento de esquecimento e recalçamento pelo qual a “*différance*” operaria<sup>14</sup>. Esquecimento porque o símbolo nos parece sempre um substituto, algo que supõe o transcendente mas o perde (o esquece) no caminho, estando, assim, sempre restrito a agir na lógica de um “suplemento” (DERRIDA, 2013, P.76). Ao mesmo tempo, o símbolo estaria em uma tentativa infundável de recalçar, reencontrar a essência deixada, aquilo sem o qual parece que não teria nenhum sentido. Se transpormos a intuição para o transcendente e a metafísica

---

<sup>14</sup> Derrida, Jacques. **Gramatologia**. 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 350.

para o movimento realizado pela escritura, percebemos que o pensamento bergsoniano surge sempre como uma tentativa de reconciliar os conceitos (o texto) com algo inexprimível (a duração) que o supõe. O filosofar seria, neste sentido, a tentativa paradoxal de sair do suplemento através do próprio suplemento. Mais claramente, se utilizar do texto para sair do texto, para transcendê-lo.

A Filosofia proposta por Bergson, entendamos bem, certamente não inova o suficiente para se desprender do modelo tradicional corrente da História da Metafísica da Presença. O elemento “ideal” da ideia, como algo isolado do texto, presente a outro domínio que não o material, transcendente em si mesmo, pode ser comumente encontrado nas mais diversas formas de filosofar. Desde os primórdios da Filosofia ocidental, o metafísico procura realizar a árdua tarefa de chegar ao absoluto através do signo. A nova roupagem dada por Bergson talvez esteja nos conceitos flexíveis, suposto caminho para a idealidade. Entretanto, estes “entes” que parecem se posicionar quase na fronteira entre o externo e o interno, entre o material e o espiritual, não chegam nunca a atravessar esse problemático limite. Os conceitos flexíveis, por mais que se aproximem, na lógica bergsoniana, da idealidade, nunca serão, como esse já sabia, mais que externalidades materiais, signos, símbolos. A lógica do suplemento original se prova mais uma vez eficiente. No seio mesmo da intuição original do filósofo já há o traço, um símbolo, um suplemento.

## **Considerações finais**

Bergson, como expoente escritor da História da Metafísica, não resiste às tentações da beleza da ideia original, da liberdade pura do homem, da espiritualidade de um absoluto além-texto. A Filosofia, para Bergson, não é apenas um corpo de símbolos, um jogo infinito de conceitos, mas dependente de uma ideia que transborda o livro, que o origina sem, no entanto, caber nele. Afinal, ignorar o plano transcendental da Filosofia seria compreendê-la como um jogo morto de palavras, a pura literatura. E é esse o maior temor da Metafísica: que ela não tenha além nada mais do que a literatura possa oferecer. Escapar à esta transcendência seria a concretização, de uma vez por todas, da morte de Deus na Filosofia, este deus ateu dos filósofos, ao qual não dedicamos

nenhuma adoração ao mesmo tempo em que abraçamos a sua existência. Matá-lo, entretanto, confunde-se com o assassinato da própria Filosofia.

É importante que compreendamos bem que assumir a não distinção entre o campo literário e o filosófico é compreender o filosofar como nada mais que uma construção de conceitos, tal como nos expõe Deleuze, trazendo a morte para o seio daquilo que se entende como vida transcendental. Há, entretanto, o temor de não se encontrar nada além da materialidade complexa dos signos. Medo de que a partir do momento em que Deus é morto, a verdade se esvaia e a certeza dê lugar ao simples e caótico ato de “construir”, ao futuro em sua imprevisibilidade hostil. Um medo, que nada mais é, entretanto, que a dor de uma certeza. A certeza de que atrás do estrangeiro incompreendido de Camus não há nada, nem mesmo um punhado de razão, nenhum punhado de espírito.

## Referências

BERGSON, H. **A Intuição Filosófica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 61-74.

BERGSON, H. **Introdução à Metafísica**. In: *Os Pensadores XXXVIII*. São Paulo: Abril S.A, 1974, p. 17-45.

BERGSON, H. **La conscience et la vie**. Paris : Puf, 2013.

CAMUS, A. **L'Étranger**. Paris : Folio, 1972.

DELEUZE, G. ; GATARI, F. **Qu'est-ce que la Philosophie ?** Paris : Éditions de Minuit, 2005.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DERRIDA, J. **La voix et le phénomène : introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl**. 5. ed. Paris : Presses Universitaires de France, 2016.

DERRIDA, J. **La bête et le souverain**. Paris : Éditions Galilée, 2010.

FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Éditions Gallimard, 1969.

JUGNON, A. **Derrida hors-bord**. Paris : Lemieux, 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978, 207p.